



VI ANNO

PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1883

NUM. 21



MANOEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

MANOEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Na nossa galeria de cidadãos prestantes, cabe hoje o lugar ao sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia, digno presidente do municipio d'Aveiro.

Não é nosso intuito, nem o permite as dimensões do nosso quinzenario, biographar o homem a quem Aveiro deve relevantes e valiosos serviços, e a quem a gratidão e estima dos seus concidadãos elevaram á presidencia do seu municipio e á sua representação no parlamento.

Publicando o retrato do homem sobejamente conhecido e apreciado como prestante cidadão, como jornalista distincto, como proprietario e redactor do importante jornal *O Campeão das Provincias*, o *Bombeiro Portuguez* quer prestar o seu preito ao cidadão que dotou a sua terra com um util e indispensavel melhoramento, organisando, protegendo e auxiliando uma companhia de bombeiros voluntarios, destinada a prestar aos seus concidadãos, dedicados e prestimosos serviços.

Se a cidade de Aveiro não tivesse tantos e tão repetidos testemunhos da iniciativa do presidente do seu municipio, bastava-lhe a organização da companhia dos bombeiros voluntarios para lhe dar jus á sua gratidão.

O alto conceito em que é tido o sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia, tem-se affirmado por muitas vezes, e ainda não ha muito que o governo francez apreciando e agradecendo os importantes serviços que aos naufragos d'um vapor da sua nação prestou o sr. Manoel Firmino, contribuindo quanto em suas forças cabia para o seu salvamento, o agraciou com a Legião d'Honra, cobiçada distincção que muito honra o agraciado.

É pois o sr. Almeida Maia um cidadão distincto, e é com subida satisfação que o *Bombeiro Portuguez* na sua humildade o apresenta á consideração publica.

BOMBEIROS MUNICIPAES DE LISBOA

No dia 14 do passado, pela uma hora da tarde em sessão solemne da camara municipal de Lisboa, verificou-se a distribuição das medalhas e diplomas aos bombeiros municipaes por serviços prestados em diferentes incendios, como em tempo referimos.

Presidiu o digno presidente da camara, sr. Rosa Araujo, estando presentes os srs. vereadores Andrade, Antunes Rebello, Estrella Braga, visconde do Rio Sado e Theophilo Ferreira.

O sr. Rosa Araujo, ao abrir a sessão, disse que tinha verdadeira satisfação em entregar as medalhas e os diplomas e esses benemeritos da corporação dos bombeiros municipaes, que tinham ultimamente salvo doze pessoas. E em seguida foram chamados para receberem o devido premio os bombeiros 16, 40, 55, 58, 63, 66, 89, 102, e o sota 303 do carro n.º 24. O sr. Rosa Araujo collocava no peito d'esses valentes as respectivas medalhas e o sr. vereador Rebello entregava os diplomas. Aos bombeiros 66 e 40 foi entregue uma portaria de louvor por actos humanitarios praticados em um incendio da rua de S. Vicente.

Depois fallaram, encarecendo os serviços presta-

dos pelos bombeiros e elogiando toda a corporação, pela sua provadissima abnegação e heroicidade, os srs. Rebello, Theophilo Ferreira e visconde do Rio Sado. Agradecendo estas palavras de louvor, o sr. inspector geral Carlos Barreiros, mencionou tambem a disciplina da corporação, que se honrava de commandar. Tambem fallou o sr. dr. Salgueiro de Almeida, em nome dos voluntarios e da ambulancia, dizendo que lhe tinha sido muito grato, e ás corporações que representava, assistirem a esta solemidade, que mais levantava os brios e a coragem dos bombeiros lisboenses.

Na sala estava formada toda a corporação dos bombeiros municipaes, tendo ao lado deputações dos bombeiros voluntarios e da ambulancia.

—No dia 28 do passado, pela uma hora da tarde devia reunir-se em sessão ordinaria a assembléa geral do monte-pio de S. Carlos do corpo dos bombeiros de Lisboa.

OXZA IV

Em Aveiro

Transcrevemos com a devida vénia, do nosso collega «Campeão das Provincias» de 17 do passado o seguinte:

«Aveiro, — que podia estar bem mais florescente, se não fossem as desordenadas ambições d'uns, as vaidades irritantes d'outros, e a culpavel inercia de muitos, — acaba de ser dotado com um importantissimo melhoramento, devido á singular dedicacão da classe artistica, provocada e efficazmente coadjuvada pela actual camara municipal.

Referimo-nos á definitiva organização da *Companhia de Bombeiros Voluntarios d'Aveiro*.

Essa imperiosa necessidade, que todos ahi proclamavam unisonos, e que alguns agora parece quererem negar, ou pelo menos escurecer, está finalmente satisfeita, e d'uma maneira, que honra os seus iniciadores, e nobilita a nossa terra.

Era manifesta a falta de material de incendios, e ainda mais a de quem soubesse utilizar-se do que existia.

Depois do sinistro da rua da Vera-Cruz tornou-se mais urgente a formação da companhia, que já se tinha iniciado, logo que o municipio adquirira o excellente material, que actualmente possui; e por isso alguns dos nossos mais habeis artistas, a convite da camara, se reuniram, e deliberaram constituil-a definitivamente, rogando ao sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, distincto official da nossa armada, que assumisse o seu commando, ao que elle de bom grado accedeu.

Formulados e approvados os estatutos, proveram-se por eleição os diferentes cargos, e começaram os exercicios sob a direcção habil e obsequiosa do sr. José Rodrigues Barrote, intrepido e benemerito patrão dos bombeiros voluntarios do Porto, e em breve a companhia dos 31 bombeiros voluntarios d'Aveiro deu provas do seu aproveitamento, fazendo desembaraçadamente, á vista do publico, os mais dificeis e arrojados trabalhos. O sr. presidente da camara, sempre solícito em promover, animar e ajudar tão util e humanitaria instituição, vendo o character serio que a companhia tinha tomado na sua regularissima organização,

resolveu mandar fazer o fardamento para os bombeiros, que tão briosamente se promptificavam, com o risco da própria vida, a atacar os incendios, que por infelicidade se manifestarem n'este concelho, e ainda nos limitrophes.

Promptos os fardamentos, que constam da calça preta, casaco de panno azul com vivos encarnados, botões amarellos, gola encarnada, charlateiras pretas, capacete de metal amarello, cinturão preto com machadinha,—e bonet para o serviço ordinario, a companhia resolveu apresentar-se em publico a trabalhar, para que toda a gente visse que estava já apta para poder extinguir qualquer incendio, que por fatalidade se manifeste.

No domingo, pois, pelo meio dia, estando todos os bombeiros reunidos no quartel das bombas, ali compareceu o sr. Guilherme Gomes Fernandes, digno e arrojado commandante dos benemeritos Bombeiros do Porto, que tinha vindo expressamente d'ali para assistir a este exercicio publico, acompanhado do sr. Barrote, e do sr. Francisco Regalla, e a companhia marchou então com todo o material para a rua do Caes.

Era enorme a concorrência de povo nas ruas do tranzito, e grande a multidão que se estendeu pelo Caes, pelo Rocio, pelo Alboi, e até pela ria, em barcos.

Formou a companhia defronte da casa do nosso amigo, o sr. Luiz Pereira da Cruz, que é muito alta; e ali teve logar o exercicio de subida de escadas, manueira de salvação, e trabalho da bomba, tudo sob as ordens do sr. Barrote, e executado com presteza e perfeição por todos os bombeiros aveirenses.

Ainda houve tambem exercicios em terra com a bomba maior, que é excellente.

Depois d'uma hora de trabalho perfeito, a companhia marchou para o quartel, deixando no espirito de todos os espectadores certeza de que está apta para combater com vantagem o terrivel flagello dos incendios.

O sr. Gomes Fernandes louvou muito o trabalho dos nossos bombeiros, e tanto basta para tecer o seu inteiro elogio.

O quartel da rua de S. Catharina estava vistosamente adornado de escudos com as datas da installação, approvação dos estatutos, inauguração etc., em trophéus de bandeiras nacionaes, tendo tambem dois escudos, onde se lia — *Camara municipal de 1882 e Bombeiros voluntarios d'Aveiro*,—estando aberta em exposição até ás 5 horas da tarde.

Na casa annexa, que serve para as sessões da companhia, estava os regulamentos disciplinares em molduras douradas.

A's 3 horas foi offerecido por os bombeiros graduados aos srs. Gomes Fernandes, Barrote, Regalla, Guedes Pinto, e outros bombeiros, em Verdemilho, um lauto jantar, que correu com toda a regularidade e grande animação. O primeiro brinde foi ali levantado pelo sr. Gomes Fernandes ao dignissimo presidente da camara municipal d'este concelho, e entusiasticamente correspondido, seguindo-se muitos outros. Os convivas regressaram ás 6 horas ao quartel, onde a phylarmonica—*Amizade*—fôra por obsequio tocar o hymno dos bombeiros, composto expressamente pelo nosso amigo, o sr. Manes Nogueira, queimando se ali algumas duzias de foguetes.

Foi então servido *um copo d'agua* a toda a companhia, ao som de varias peças de musica.

Em seguida a companhia, em brilhante *marche aux flambeaux*, foi saudar os srs. Gomes Fernandes e Barrote á hospedaria, acompanhando-os até á estação, onde a philarmonica esteve tocando.

A' despedida na *gare*, onde se achava tambem o sr. presidente da camara, foram levantados entusiasticos vivas áquelles srs., e aos bombeiros do Porto e d'Aveiro.

Depois desfilou o cortejo até á porta do sr. presidente da camara, onde parou, ao som da musica. Sendo rogados para subir, accederam, e foi-lhes servido um beberete, sendo levantados brindes áquelle nosso amigo, pela benemerita aquisição do material e outros relevantes serviços, á companhia dos bombeiros e á philarmonica *Amizade*, que os acompanhava, e a todos os homens de boa vontade d'esta terra.

D'alli seguiram para casa do sr. Francisco Regalla, que, por a noite estar chuvosa, tinha retirado em carro da estação. Foram alli queimados centenaes de foguetes, e houve calorosos vivas.

Mas como tambem não estivesse alli, recolheu a companhia ao quartel, e ali, comparecendo o sr. Regalla, fallou á companhia em termos muito affectuosos e entusiastas, recommendando-lhe sempre a maior prudencia e a união, que faz a força.

O sr. Francisco de Magalhães tambem brindou a companhia pelo seu civismo, apontando-lhe como recompensa a gloria de trabalhar pelo bem da humanidade. Foi muito applaudido e victoriado, tanto pelo sr. Regalla, como por toda a companhia, pelos serviços externos, que lhes tem prestado.

Depois ainda houve muitos e reciprocos brindes, no meio d'um entusiasmo delirante, mas correcto e sem o mais pequeno incidente desagradavel, indo os bombeiros e a musica á porta dos patrões das secções.

E assim terminou esta festa modesta, mas sympathica, em que os artistas aveirenses, unidos no mais generoso e patriotico pensamento, deram mais uma vez prova do seu amor pelos progressos d'esta terra, sendo de esperar que todos os verdadeiros amigos da sua patria os coadjuvem, a fim de que a companhia possa chegar á prosperidade, e perfeição que eguaes instituições tem attingido em outras terras, com o auxilio dos homens de coração e de fortuna.

Assim o esperamos, por honra e brio d'Aveiro.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE VIANNA DO CASTELLO

Recebemos o *Relatorio dos actos da Direcção da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Vianna do Castello, no periodo decorrido desde 15 de Maio de 1881 até 31 de Dezembro de 1882.*

Pela leitura que d'elle fizemos, vemos que se o estado d'esta prestimosa aggrémiação não é de todo o ponto prospero, é no entanto muito lisongeiro devido incontestavelmente aos bons e valiosos serviços que lhe tem prestado os seus corpos gerentes e aos esforços verdadeiramente dedicados dos seus socios activos. Cabe aqui lastimar a indifferença, senão o egoismo, d'uma boa parte dos habitantes de Vianna do Castello que tem negado o seu auxilio a uma associação que tantos e tão bons serviços lhe poderá prestar, pois que vemos apenas mencionados no relatorio 105 socios protectores a quem apenas se pede 200 réis mensaes.

Em 31 de dezembro de 1882 contava a associação trinta e tres socios activos.

A associação recebeu em donativos 280\$520 rs. e em resultado de subscrições 141\$960 réis. Notamos que a subscrição promovida pela Direcção e Comissão Installadora produziu *n'aquella cidade* 64\$960 réis e a subscrição aberta *n'esta cidade* 50\$000 réis.

O Bazar realisado em 2 de outubro de 1881, produziu uma receita de 509\$640 réis, contra uma despesa de 68\$560 réis, deixando um saldo liquido de rs. 441\$080.

Os prestidigitadores Miguel da Fonseca e D. Adolpho Fó deram, em beneficio do cofre da Associação, um espectáculo que deu de receita a quantia de réis 99\$100, contra 20\$970 réis, deixando um saldo a favor de 78\$130 réis.

Nos dias 1, 6 e 8 de janeiro do anno proximo passado deu a corporação de bombeiros voluntarios tres espectáculos cujo producto se applicou á compra do carro de material. Produziram 262\$300 réis liquido, sendo a despesa de 127\$000 réis.

Com oito bailes de mascaras que os socios activos promoveram no carnaval do mesmo anno, resultou um beneficio de 130\$700 réis, por uma despesa de 226\$730.

Para auxiliar a compra do carro de material promoveu a Associação uma rifa que produziu 191\$000 réis liquido.

Pelas verbas que deixamos notadas se vê a dedicação e interesse que aos briosos bombeiros voluntarios de Vianna do Castello merece a sua generosa associação.

Com o armamento e material dispendeu a associação até 31 de dezembro proximo passado, a importante verba de 1:709\$973 réis. E' certo, porém, que a associação possui um excellente material como poucas associações suas congeneres.

A receita geral da associação elevou-se a réis 2:927\$620 e a despesa a 2:632\$618 réis, deixando um saldo a favor de 295\$002 réis.

O movimento da caixa desde 15 de maio de 1881 a 31 de dezembro de 1882, apresenta um debito de 2:937\$622 réis, contra um credito de 2:642\$620 réis, deixando um saldo de 295\$002 réis, sendo em metal réis 209\$002 e em recibos para cobrar 86\$000 réis.

Sentimos que a falta d'espaco nos inliba de publicarmos na integra o bem elaborado e minucioso relatorio com que fomos obsequiados. No entanto cumpre-nos apresentar á consideração publica os nomes de dois associados em quem a associação tem encontrado os mais dedicados amigos e que a nada se tem poupado para que os bombeiros voluntarios de Vianna do Castello occupem, como occupam, honrosissimo logar entre os bombeiros mais disciplinados e mais prestimosos. Referimo-nos ao seu digno commandante o sr. João José Pereira Dias e ao primeiro secretario da direcção o sr. José Maria Caldeira.

Não é isto desconhecer os valiosos serviços que todos commummente prestam.

Na Provincia

No dia 15 do passado ardeu em Aldeia gallega o predio que ali possui o sr. Ernesto Correia Martins.

— O presidente da direcção da associação dos bombeiros voluntarios de Faro participou á camara municipal de Lisboa achar-se constituida n'aquella cidade a referida associação, tendo os respectivos estatutos sido aprovados por alvará de 29 de novembro proximo passado. Pede-lhe sejam fornecidos os esclarecimentos e indicações que opportunamente requisitará da inspecção dos incendios, bem como a de um bombeiro inspector para ir instruir o pessoal.

Correspondencia

VIANNA DO CASTELLO, 26 DE JANEIRO DE 1883

Terminou em 31 de Dezembro de 1882, o 1.º anno economico da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, segundo os estatutos por que se rege. Foi convocada a reunião da assembleia geral para o dia 14 do corrente, mas não pôde ter logar a sessão ordinaria, por falta de numero legal, e foi novamente convocada para o dia 21, em que, segundo os mesmos estatutos, podia funcionar com qualquer numero. Reuniu-se effectivamente n'esse dia a assembleia geral, a quem foi apresentado o relatorio dos actos da Direcção, que foi approved pela mesma assembleia. O relatorio terminava por 3 propostas que tambem foram approvadas e que eram as seguintes:

1.ª—propondo para socio benemerito o facultativo da associação, dr. José de Passos Esteves Lisboa.

2.ª—propondo para socio benemerito o thesoureiro da associação, Antonio José Ferreira.

3.ª—propondo para *commandante honorario do corpo de bombeiros* o ex-commandante do mesmo corpo Randolpho Rosmiro Corrêa Mendes, actualmente na India, na fiscalisação da construcção do caminho de ferro de Mormugão.

Além d'estas propostas foram apresentadas durante a sessão mais as seguintes, que tambem foram approvadas:

1.ª—para que fossem considerados socios benemeritos os srs. José Maria Caldeira e João José Pereira Dias.

2.ª—para que fosse dado um voto de louvor e agradecimento ao corpo activo pela maneira exemplar como se tem conduzido, já promovendo por varios modos o augmento de receita da associação, já pelo grau de instrucção e disciplina a que se tem elevado.

3.ª—para que fosse dado um voto de louvor ao vice-presidente João Thomaz da Costa, servindo de presidente, pela maneira distincta como tem desempenhado o seu cargo, procurando sempre o desenvolvimento material e moral da associação, e fazendo respeitar a lei fundamental da mesma.

Em seguida procedeu-se á eleição da nova direcção, que deu o seguinte resultado:

Presidente, João Thomaz da Costa (director das obras publicas do districto). Vice-presidente, Dr. José de Passos Esteves Lisboa (facultativo da associação). 1.º Secretario, José Maria Caldeira. 2.º Secretario, Manoel Sára de Faria. Thesoureiro, Antonio José Ferreira.

— No dia 22, segundo os estatutos, procedeu o

corpo activo á eleição dos seus commandantes, sendo reeleitos para :

1.º commandante, João José Pereira Dias.

2.º dito, Antonio Avelino de Magalhães Moutinho.

— A associação cuida agora da creação d'uma secção especial de soccorros a naufragos, e para isso representou ao governo pedindo que lhe forneça um barco salva-vidas, obrigando-se ella a installal-o, conserval-o e organisar-lhe a tripulação. A direcção promove uma subscripção em Vianna, e um socio benemerito (José Maria Caldeira) promove outra no Porto, e espera-se conseguir os fundos necessarios para a installação d'este serviço.

— Falleceu no dia 24 do corrente o socio activo n.º 24, Avelino Augusto Cardozo, que se enterrou em 25, sendo o seu cadaver transportado na bomba, coberto o caixão com a bandeira da associação e com um fumo. Foi acompanhado desde casa até ao cemiterio por todo o corpo activo e por um piquete de bombeiros municipaes. Fazia a guarda de honra a esquadra a que pertencia o fallecido.

D.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE PENAFIEL

Finou-se em meados do mez passado em Penafiel o sr. Joaquim Carlos de Souza, socio activo da corporação dos bombeiros voluntarios d'aquella cidade.

A sua morte foi geralmente sentida porque o finado era dotado de excellentes qualidades e sinceramente estimado.

O cadaver do desditoso moço foi conduzido á sua ultima morada no carro do material da companhia a que pertenceu e acompanhado por todos os seus camaradas.

Sobre o feretro foram depositados bouquets e corôas que testemunhavam a saudade dos seus amigos.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS D'AVEIRO

Recebemos e agradecemos os exemplares com que fomos obsequiados, dos estatutos da Companhia de Bombeiros Voluntarios d'Aveiro, do Regulamento disciplinar e do Regulamento da Caixa da mesma Companhia.

Cabe aos bombeiros voluntarios d'Aveiro a iniciativa de estabelecer uma Caixa que, como diz o art. 1.º do respectivo Regulamento — tem por fim dar subsidios ás praças que se inutilisarem no serviço dos incendios, ou se impossibilitarem de trabalhar, temporariamente: dar pensões ás viúvas dos que fallecerem em resultado do mesmo serviço e prover á substituição dos fardamentos das praças pobres.

Agitou-se em tempo a idéa de, sob os auspícios da associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade se instituir um monte-pio dos bombeiros voluntarios. A generosa idéa foi posta de parte por circumstancias que nos não occorrem n'este momento.

Bem desejaríamos que a Associação que tem uma vida tão gloriosa, affirmasse mais uma vez a sua brilhante iniciativa organisando a instituição a que alludimos.

— Ao que nos consta uma *troupe* de amadores vae dar uma recita em beneficio da caixa da Companhia dos Bombeiros Voluntarios d'Aveiro.

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 31 DE JANEIRO DE 1883

1 de janeiro. — A's 3 horas e 45 minutos da tarde. Travessa das Musas, ilha do Manada, n'um predio d'um andar, propriedade de Antonio Nunes Manada, inquilino José dos Santos Fernandes Dias. Prejuizos 35000 réis.

Motivaram o incendio uos restos de lume mal apagado de uma forja.

Compareceram em 1.º logar o carro municipal n.º 3, em 2.º a bomba municipal n.º 8, em 3.º a bomba municipal n.º 5, em 4.º a bomba n.º 1 dos Voluntarios e o carro de material dos mesmos.

13 de janeiro. — A's 2 e meia horas da tarde. Rua do Freixo n.º 788.

Desabamento d'um poço n'uma casa terrea em construcção, propriedade de João Pinto da Costa.

Ficaram soterrados os operarios Seraphim Pereira da Silva, José Valente e Manoel Carmo, que sahiram illesos no dia seguinte pelas 3 horas da tarde.

Compareceram o carro dos Bombeiros Voluntarios e algumas bombas municipaes.

15 de janeiro. — A's 12 horas da noite. Travessa da Lomba n.º 75. Casa terrea, propriedade de Antonio Ferreira de Carvalho. Prejuizos 365000 réis.

Causa do incendio — um fogão mal apagado.

Compareceram em 1.º logar a bomba municipal n.º 7, em 2.º a bomba municipal n.º 6, e em 3.º o carro e bomba dos voluntarios.

22 de janeiro. — A's 8 horas e 45 minutos da manhã. Rua de S. Lasaro. Predio de dois andares, propriedade de Adolpho Ferreira Pinto Basto, inquilino Custodio Moraes S. da Gama. Prejuizos insignificantissimos.

Causa do incendio — fuligem da chaminé.

Compareceram em 1.º logar a bomba municipal n.º 2, e em 2.º o carro e bomba dos bombeiros voluntarios.

22 de janeiro. — A's 12 horas e 45 minutos da tarde. S. Roque da Lameira n.º 1236 a 1240. Predio de um andar destinado a fabrica de phosphoros, propriedade de João da Silva, inquilino Antonio Ventura Duarte. Prejuizos 500 réis.

Causa do incendio — explosão de phosphoros.

Compareceram em 1.º logar a bomba municipal n.º 7, em 2.º a bomba municipal n.º 6 e em 3.º o carro e bomba dos voluntarios.

23 de janeiro. — A's 5 horas e 30 minutos da tarde. Desabamento d'uma trincheira em Campanhã nas obras do rama do caminho de ferro para a alfandega.

Compareceram em 1.º logar a bomba dos voluntarios, em 2.º o carro dos mesmos, e em 3.º a bomba municipal n.º 7.

Morreram os operarios Manoel Pereira e Antonio Gonçalves de Carvalho e ficaram contusos Manoel Pereira e Antonio Martins.

23 de janeiro. — A's 6 horas e 20 minutos da noite. Rebate falso. Foram chamados os soccorros para o Campo 24 de Agosto.

Compareceram em 1.º logar a bomba dos voluntarios, em 2.º o carro municipal n.º 3 e em 3.º o carro dos voluntarios.

26 de janeiro. — A's 5 horas e 45 minutos da tarde. Rua do Monte Bello n.º 274. Predio de um andar, propriedade de Peixoto Guimarães, inquilino Francisco Pereira da Silva. Prejuizos 3005000 réis.

Causa do incendio — o calor de uma estufa, que prendeu fogo a algum algodão e madeiras.

Compareceram em 1.º logar a bomba municipal n.º 7, em 2.º a bomba municipal n.º 6 e em 3.º a bomba e carro dos voluntarios.

COMPANHIA DE INCENDIOS DO PORTO

Sob esta epigrapha publicamos no numero anterior, a noticia de que a inspecção geral dos incendios ia proceder a algumas modificações nos carros de material e n'esse intuito mandará fazer varias alterações no carro n.º 3.

Dêmos esta noticia porque em um dos ultimos incendios vimos o dito carro com as modificações que publicamos e só podiamos attribuir a resolução da inspecção geral dos incendios, semelhantes alterações, visto que não imaginavamos que alguém na companhia de incendio, ouzasse cometer tal abuso.

Fomos victima da nossa ingenuidade, porque a inspecção geral dos incendios era completamente estranha ao facto que noticiamos e tanto que d'aquella repartição acaba de emanar uma ordem terminante para que o 1.º patrão d'aquelle carro mande quanto antes repôr tudo a expensas suas conforme o padrão estabelecido e approvado superiormente.

Averiguadas as cousas, soubemos que o 1.º patrão, desconsiderando o seu chefe, mandára do seu motu proprio, cortar, mudar, ampliar, modificar. etc..

Não sabemos se o castigo se limitou unicamente a obrigar-o a repôr a expensas suas tudo conforme estava; mas, caso assim seja, não nos parece ser punição bastante para abuso de tanta monta.

E nós tão ingenuos, que, conhecendo bem de perto o 1.º patrão do carro n.º 3, que, desde a re-organização da companhia de incendios, mas muito especialmente n'estes ultimos tempos, só dá margem a censuras, não suspeitamos logo que havia uzurpação de direitos!

Mas que figura, perguntamos nós, faz no meio de tudo isto o fiscal do material, cujas attribuições estão bem expressas no regulamento?

Consentiu na mudança, sem ordem da inspecção geral?

Se consentiu, foi cumplice e n'esse caso merece castigo igualmente.

Se não consentiu, devia pelo menos saber das mudanças feitas pelo 1.º patrão e corria-lhe, n'esse caso, o dever de denunciá-lo; mas como o não fez, merece tambem punição.

Como é tambem que os fornecedores da companhia de incendios constroem material ou procedem a alterações n'esse material, sem uma ordem auctorizada superiormente?

Não sabemos; mas a verdade é que e tes factos dão-se e este não é o primeiro e tanto, que já a camara, em uma das suas sessões, censurando um abuso identico a este praticado pelo mesmo 1.º patrão, resolveu por unanimidade que a reincidencia seria punida com a pena de expulsão para o delinquente.

O que é certo, é que se o fiscal não pugna pelos seus direitos, constantemente usurpados por este 1.º patrão, é porque teme a auctoridade de que elle diz estar revestido para fazer tudo quanto lhe lembra.

A inspecção geral dos incendios, porém, acaba de se encarregar de lhe demonstrar e aos demais bombeiros, tanto seus superiores, como inferiores, que a sua auctoridade se não estende além dos limites que lhe são marcados pelo regulamento e grave injustiça fôra o terem acreditado que os seus actos menos licitos, tiveram, uma vez sequer, a sanção superior da inspecção geral.

Tambem nos informam que todos os melhoramentos a que o 1.º patrão em questão mandára fazer no quartel do seu carro, não haviam sido auctorisados pela inspecção geral e que por esse motivo tambem recebera ordem para desfazer tudo quanto fizera.

A proposito vem lembrarmos que se estabeleçam rondas nocturnas que visitem os quartéis das bombas e carros e que o seu primeiro cuidado seja dirigir os passos para o do carro n.º 3 e chegadas lá recomendamolhes que indaguem das qualidades e posição da malandragem que ali se acóita a titulo de conduzirem o carro, no caso de incendio.

Este abuso já deu logar a que os seus camaradas intitulassem aquelle quartel *O albergue nocturno*. Mais frequentado do que o verdadeiro, o genuino albergue nocturno, é com certeza; e a razão é simples — não exigem banho e permittem-se obscenidades e jogatinas.

São verdades amargas, em que para bem da companhia de incendios, precisam chegar ao conhecimento da inspecção geral.

Cumprimos o nosso dever, perca quem perder. Somos forçados a isso pela obrigação que nos impuzemos, quando creamos este quinzenario, que muito embora no entender e opinião do tal 1.º patrão e outros insignificantes com quem priva, nada valha e nenhuma importancia mereça, teve contudo a virtude de fazer conhecer ao seu chefe os abusos que aquelle bombeiro estava commettendo e a honra de contribuir para que fossem punidos.

A INSPECÇÃO DOS INCENDIOS NO PORTO

(RELATORIO)

(Continuado do n.º 19).

Pelo primeiro mappa junto se vê qual foi a receita e a despeza nos annos de 1880-1881. As verbas authorisadas no orçamento da camara são duas: pessoal e despezas eventuaes ou antes variaveis, a segunda das quaes tem levado a designação impropria de *material*. Ha ainda a receita verdadeiramente eventual das casas d'espectaculo que teem applicação na integra ao pagamento aos piquetes. Para pessoal, vencimentos fixos, mensaes ou annuaes, não variou a authorisação nos dous annos. Nota-se um saldo em ambos elles, maior em 1881 do que no anterior. N'um segundo mappa se indicam os ordenados annuaes, assim como o resumo do movimento do pessoal. A comparação dos dous mappas mostra que nos empregados superiores e de secretaria não houve mudança; que nos pensionados pouca alteração se deu; mas que nos bombeiros, serventes e conductores na actividade, as baixas são mais que os alistamentos. Sendo a authorisação para 218 empregados, faltavam 16 no fim de 1879, 20 no fim de 1880 e 29 no fim de 1881. Ainda se não tornou demasiadamente sensivel esta falha; mas como as praças teem plena liberdade de abandonar o serviço quando muito bem lhes convenha, nada impede que as salidas cheguem a tornar o bom serviço impossivel. Mas tambem ha épocas em que se manifesta superabundancia nas pretensões a alistamento. O unico processo nas condições dadas seria aceitar mais gente do que a authorisada quando ella se apre-

senta, para se ficar precavido contra as demasiadas saídas. Isto pôde trazer excesso da despeza sobre o orçamento, mas é de certo o que se tem de começar já a ensaiar. De modo que até a verba chamada *personal*, considerada fixa, é, pela natureza das cousas, variavel n'esta repartição. O que ha a fazer é fixar um limite superior. Ora, segundo o regulamento, o numero dos empregados com as 15 machinas actuaes seria de 263, isto é, mais 45 do que authorisa o orçamento. Authorisado este numero como limite, é provavel que se conserve o pessoal sufficiente, havendo sempre saldo na respectiva despeza.

As despezas eventuaes vão assás divididas no mappa-balanço para dispensar longas explicações.

(Continua.)

No estrangeiro

Na noite de 10 do passado, ardeu o circo da cidade Rodon, na Polonia. Morreram 300 pessoas.

— Um pavoroso incendio destruiu em meados do mez passado o Newhall-House, um dos maiores hotéis da cidade Milwankee, nos Estados-Unidos. São verdadeiramente horribes os pormenores recebidos acerca d'esse temeroso sinistro.

As pessoas que se achavam no edificio precipitavam-se ás duzias dos andares superiores. Os passeios das ruas estavam cobertos de mortos e de moribundos. Algumas pessoas que receberam saltar pelas janellas, pereceram no seio das chammas. Salvaram-se as que saltaram sobre panaes estendidos para as receber. A maior parte dos empregados do hotel que habitavam no sexto andar, não puderam fugir.

Até pouco depois do incendio contavam-se cerca de sessenta mortos e uns trinta feridos gravemente, mas ignora-se ainda o numero exacto das victimas. Um telegramma referiu que quasi todos os hospedes se salvaram, perecendo tão sómente empregados.

Os prejuizos são calculados em perto de 500 contos de réis.

— Em Mouseron, Belgica, houve ha dias um grande incendio na fabrica de papeis pintados de mr. Evest Van Hee-Verdivel, a qual ficou, em menos de uma hora, completamente reduzida a cinzas. Foi necessaria toda a coragem dos habitantes para salvar as casas visinhas, que estiveram a ponto de ser incendiadas pelas chammas.

Na casa incendiada houve duas victimas. Foram retirados, inteiramente carbonizados, os cadaveres de uma mulher gravida e o de uma pobre rapariga que trabalhava na officina.

— Ardeu o vapor francez «Ville de Dunkerque», da companhia dos vapores do Norte, e que ia de Genova para Marselha. O navio, que valia 700:000 francos, ardeu no mar alto. A tripulação salvou-se.

— Incendiou-se em meados do mez passado o circo Berditcheff, na Polonia Russa.

O incendio rebentou ás 9 horas e meia da noite, no fim da representação, e foi causado por uma peça de fogo de artificio que incendiou um panno.

As chammas propagaram-se rapidamente e dentro em pouco chegavam ao tecto.

Os 800 espectadores presentes correram logo para a porta de entrada, que abria para dentro, e apinharam-se alli em grande confusão.

Não davam serventia infelizmente as duas portas que havia dos lados.

Quando de fóra se poude abrir a porta que estava desembaraçada, viu-se um montão de cadaveres ainda a arder.

Os bombeiros, que chegaram meia hora depois do incendio ter principiado, não puderam trabalhar na extincção do fogo, porque a agua se congelava dentro dos toneis e das mangueiras.

Os musicos da orchestra foram as primeiras victimas da catastrophe.

Ainda não se sabe ao certo o numero total dos mortos. Calculam-se em 268, dos quaes até á data das ultimas noticias se tinham reconhecido 187 cadaveres.

Salvou-se muita gente fugindo pelas aberturas que havia no tecto do circo.

Foram presa das chammas o edificio, o material e os cavallos.

— Um terrivel incendio acaba de consumir completamente; uma habilitação particular de Widgate street, Londres, onde viviam oito familias.

Cinco pessoas ficaram completamente carbonizadas, e quatro gravemente feridas por se terem lançado pelas janellas.

Os mortos foram um velho de 73 annos, sua esposa de 63, e tres mancebos de 20 a 25 annos.

— No dia 19 do passado houve em Londres, em Staining-Lane, um grande incendio.

Os armazens de seda do snr. Bourne & C.^a foram completamente destruidos, soffrendo alguns estragos es estabelecimentos visinhos.

As perdas são avaliadas em 50 mil libras.

— Em Ringstone (Jamaica) occorreu um grande incendio cujos prejuizos sobem a mais de 138:000 contos de réis. Ficaram sem abrigo e sem pão centenas de pessoas.

— Noticia o *Jornal de Riga* que ardeu completamente, n'uma das ultimas noites, o theatro de Schrikenhofer.

O incendio rebentou cerca das dez horas e meia. É ainda desconhecida a causa do sinistro.

Não havia n'essa noite espectáculo.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

A CHRONICA

REVISTA LITTERARIA, NOTICIOSA E THEATRAL

(APPENSO AO BOMBEIRO PORTUGUEZ)

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	500 réis
Semestre	1000 »
Anno	2000 »

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1200 »
Anno	2400 »

Numero avulso 100 »

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9. — Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUÇÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernan-
des & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116—Porto.